

Introdução

“As mulheres vão dominar o mercado de trabalho no futuro”, afirma o guru empresarial americano Tom Peters. Para ele, as mulheres são melhores em algumas áreas, justamente as mais importantes: “Elas são craques em fazer um monte de coisas ao mesmo tempo. Garotos adoram regras, e as regras valem cada vez menos!”, disse o autor de *Em busca da excelência*, num seminário em São Paulo (Revista *Exame*, janeiro de 2001, p. 122). E segundo a reportagem pesquisada, ele está longe de ser o único a alardear o avanço das mulheres no mundo empresarial. Estudiosos e consultores são praticamente unânimes em dizer que o mundo corporativo caminha para valores tidos como mais femininos, como por exemplo, a importância do relacionamento, o trabalho em equipe, o uso de motivação e persuasão em vez de ordem e controle e a cooperação no lugar da competição.

Porém, apesar de todo esse avanço, as mulheres continuam a ser a minoria nos cargos de chefia. Conquistar espaço no mundo do trabalho ainda não é, para as mulheres, sinônimo de igualdade entre os sexos. As conquistas femininas neste setor são patentes, mas precisam ser relativizadas, é o que pretende alertar a reportagem da revista *Exame* citada acima. Além disso, esta reportagem coloca que as mulheres têm um estilo gerencial diferente dos homens, enquanto estes prezam a ousadia, a auto-confiança, a competitividade e a objetividade, as mulheres valorizam a empatia, o apoio, a construção de relacionamentos e o compartilhamento (de poder e informação). Apesar da valorização desses “atributos” femininos, o que é exigido para a ocupação de cargos de chefia são as características do “padrão” masculino, ainda que isso seja feito de maneira velada.

Essa é uma das amostras do panorama profissional para as mulheres. Esse panorama nos mostra que, no que diz respeito às relações de poder no mundo

do trabalho, a igualdade entre os sexos ainda não é uma realidade, mesmo quando o discurso vigente é o de que as características femininas são cada vez mais valorizadas nesta área.

Quanto ao quesito relacionamento afetivo, é consenso entre os pesquisadores que as mulheres estão mais exigentes que os homens em relação ao seu parceiro (Revista *Veja*, agosto de 2000). A lista de exigências das mulheres para compartilhar a vida com um homem é muito maior que a dos homens. As jornalistas Simonetti e Ramiro se perguntam em artigo da revista *Veja*: “Qual o exemplar do sexo dito forte que está disposto a discutir a relação com sua companheira? Onde está aquele que se prontifica a segurar a mão da moça enquanto ela enfrenta uma dificuldade, em vez de sair para o bar com os amigos? Quem é o rapaz disposto a abrir a porta do carro para a donzela romântica, à moda antiga? E quantos homens maduros, em vez de se enrabichar por uma gatinha com idade para ser sua filha, se arriscam num relacionamento mais equilibrado, com uma mulher de sua faixa etária, e muitas vezes com mais dinheiro e prestígio social que o seu?” (Revista *Veja*, agosto de 2000, p.122) Pela lista de perguntas é possível ter uma idéia das exigências feitas pelas mulheres atuais para iniciar um relacionamento afetivo. As mulheres querem casar, mas não estão dispostas a fazê-lo a qualquer preço, querem encontrar a pessoa “certa” e se ela não aparecer, a maioria prefere permanecer sozinha.

Quero casar logo, dividir tudo com meu marido e ter filhos. Quero um homem que tenha as ambições iguais às minhas. Não quero ninguém que pense menor do que eu (Fernanda Lima, *vj* do canal de televisão *MTV*, em entrevista à revista *Veja*, de agosto de 2000, p.122).

Já entre os homens, o índice de solteiros que pretendiam permanecer sozinhos, segundo pesquisa do Datafolha de 1999, era a metade do feminino.

Uma outra reportagem, que trata da relação das mulheres com o sexo, afirma que: “A mulher moderna sabe o que quer de uma relação e o orgasmo é prioridade sempre”, embora a mulher esteja mais preocupada com a qualidade do

que com a quantidade das relações sexuais (Jornal do Brasil/Revista *Domingo*, abril de 2003, p. 18). Segundo a reportagem, uma pesquisa feita pelo Instituto Kinsey, nos Estados Unidos, revelou um dado surpreendente: a “mulher moderna” faz menos sexo que a da década de 50. A explicação encontrada foi a de que a “mulher moderna” têm, em relação à da década de 50, mais interesses que fazem parte de sua vida, como por exemplo, a profissão.

Mas, a psiquiatra Carmita Abdo, coordenadora do Projeto Sexualidade do Instituto de Psiquiatria da USP, coloca que não se trata propriamente de as mulheres de hoje quererem mais ou menos sexo do que as da década de 50, trata-se, na verdade, de que agora elas podem dizer o quanto querem, o que antes não acontecia. O terapeuta sexual Amaury Mendes Jr. também realizou uma pesquisa neste sentido e constatou que as brasileiras também estão fazendo menos sexo atualmente do que há 50 anos atrás, mas segundo ele a explicação para isso tem a ver com o maior nível de exigência das mulheres: “A mulher está muito mais exigente. Na hora do sexo ela quer ouvir sininhos, ir às nuvens. (...) Elas estão buscando agora o orgasmo múltiplo e depois disso vão querer o tântrico” (Jornal do Brasil/Revista *Domingo*, abril de 2003, p. 19).

O que pretendemos trazer com estes trechos de reportagens é um pouco do panorama da subjetividade feminina nos dias de hoje. Como podemos perceber, trata-se de um contexto onde é possível detectar a convivência de valores bastante diferentes e conflituosos. No campo do trabalho, por exemplo, o discurso é de valorização das características tipicamente femininas, enquanto que as atitudes concretas mostram como essa “valorização” é, na verdade, bem mais limitada do que se pode imaginar.

Quanto aos relacionamentos afetivos, as mulheres parecem ter adquirido, em relação aos homens, critérios mais exigentes na hora de fazer suas escolhas. Mesmo se queixando da solidão, muitas delas não parecem dispostas a pagar qualquer preço para terem um companheiro. Além disso, durante a relação, não estão mais a mercê das vontades do outro e colocam com muito mais liberdade o que querem e como querem.

Tudo isso faz parte das transformações pelas quais a sociedade vem passando a partir da difusão dos ideais de igualdade e liberdade professados no início da modernidade. São também desdobramentos das conquistas femininas iniciadas na segunda década do século passado. A posição da mulher na sociedade foi uma das que mais passou por mudanças com a prevalência de uma cultura democrática. A questão que nos orienta neste trabalho diz respeito, portanto, ao modo como a teoria psicanalítica vem desenvolvendo as conseqüências subjetivas destas transformações que dizem respeito ao lugar da mulher na sociedade.

Do ponto de vista da psicanálise, o panorama descrito com relação às questões de poder do mundo do trabalho, atesta a prevalência da lógica fálica. Por outro lado, há no discurso dominante, uma valorização do que é próprio ao feminino. Essa valorização, é importante que se diga, não se dá apenas em níveis discursivos já que há, na sociedade atual, uma mudança significativa na posição da mulher. Esta mudança aponta no sentido de uma positivação do feminino e isso só foi possível a partir da modernidade, com a entrada em vigor dos ideais democráticos.

A progressão dos ideais de igualdade e liberdade representou uma transformação significativa no lugar do pai e isso é extremamente relevante para a psicanálise. No início da modernidade, o pai ainda ocupava um lugar privilegiado na constituição subjetiva, mas com o avanço dos ideais modernos, esse lugar foi tornando-se cada vez mais fragilizado. Neste trabalho estaremos tratando, justamente, dessa fragilização e suas conseqüências para a sexualidade feminina, entendendo que a fragilização do pai aponta para o declínio da lógica fálico-edípica.

O capítulo 1 vai tratar da teoria de Freud sobre a feminilidade demonstrando que as formulações freudianas sobre esse assunto foram todas baseadas na prevalência da lógica fálica. A partir dessa prevalência, vai se evidenciando, ao longo da obra de Freud, a negativização do que é próprio à mulher, uma vez que ela está em defasagem em relação ao falo. O destino que lhe é reservado, então, é a eterna inveja do pênis.

O capítulo 2 trabalhará as contribuições de Lacan sobre a sexualidade feminina a partir de um primeiro momento do ensino deste autor. Estas primeiras formulações de Lacan, conhecidas como “retorno a Freud”, procuram revitalizar a teoria freudiana através do estruturalismo. O pai passa a ser tratado enquanto função simbólica e a partir daí o complexo de Édipo será revisitado. Apesar desta reformulação lacaniana do arcabouço conceitual freudiano, percebemos, a partir da questão que move este trabalho, que não há, no tocante à sexualidade feminina, um corte entre as formulações dos dois autores. Nossa intenção neste capítulo é, justamente, demonstrar que tanto Freud, ao longo de sua obra, quanto Lacan, em suas primeiras formulações, não rompem com uma perspectiva que encerra as mulheres na inveja do pênis.

O capítulo 3 vai trabalhar o contexto sócio-histórico da modernidade e seus desdobramentos na sociedade atual. Nosso objetivo neste capítulo será o de mostrar em que solo se desenvolveram as principais transformações que atingiram o lugar da mulher. Estaremos falando basicamente dos ideais igualitários e libertários e de como eles modificaram não apenas o lugar das mulheres na estrutura social, mas também o lugar do pai, uma vez que ambas as modificações mantêm entre si estreita relação.

Os dois últimos capítulos tratarão das alternativas teóricas apresentadas pela psicanálise, na contemporaneidade, aos deslocamentos observados na clínica a partir das mudanças sociais relatadas no capítulo 3. Serão duas alternativas: a elaboração do conceito de objeto *a* por Lacan, que culminou na lógica do não-todo, e a cunhagem do conceito de *feminilidade*, a partir da interpretação feita por autores como Birman, Nunes, Arán e Neri do texto freudiano *Análise terminável e interminável* (1937). Ambas as alternativas têm em comum um certo ultrapassamento da lógica fálica no tratamento da sexualidade feminina.

Pretendemos, portanto, chamar a atenção para a relação existente entre a produção teórica da psicanálise, mais especificamente no caso da sexualidade feminina, e a produção social sobre o lugar da mulher. Estaremos fazendo este cotejamento a partir de dois momentos históricos diferentes: a modernidade e a contemporaneidade.